

COPARTICIPAÇÃO NA PRÁTICA DO PROJETO DE ARQUITETURA NO BRASIL

CO-PARTICIPATION IN ARCHITECTURAL DESIGN PRACTICE IN BRAZIL

Engenharias, Ciências Sociais Aplicadas • 02/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/790979776](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/790979776)

Marlise Paim Braga Noebauer¹

Vera Helena Moro Bins Ely²

RESUMO

A arquitetura e o urbanismo têm como compromisso responder às necessidades e experiências das pessoas, o que exige compreender os usuários e incorporá-los, quando pertinente, aos processos de projeto. Estudos anteriores, contudo, apontam uma distância entre o reconhecimento da importância da participação e sua incorporação sistematizada à prática profissional, indicando a formação como campo estratégico para enfrentar esse distanciamento. Este artigo objetiva discutir, em caráter exploratório, como vêm sendo abordados os métodos participativos no ensino de projeto em Arquitetura e Urbanismo no Brasil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, teórico-conceitual, de natureza descritiva e crítica, desenvolvida por meio de revisão crítica da literatura e da atualização de levantamento realizado nos Anais dos Seminários Projetar. O recorte compreende as edições de 2013 a 2023, totalizando dez anos de produção didático-científica. Os resultados indicam que a colaboração permanece mais presente no ensino de projeto e que a participação dos usuários aparece em diferentes contextos formativos, especialmente em atividades de extensão e experiências com comunidades. Entretanto, a presença dos usuários no processo projetual não corresponde, necessariamente, ao ensino de métodos participativos. Este permanece muito raro, embora sejam identificados indícios recentes de maior aproximação entre participação, métodos e formação projetual. Conclui-se que predominam permanências sobre mudanças consolidadas e que investigar quais conhecimentos, métodos, ambientes e meios formativos podem preparar futuros arquitetos e urbanistas para incorporar os usuários ao processo de projeto constitui uma frente relevante para novas pesquisas.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo; Processo de Projeto;

ABSTRACT

Architecture and urbanism are committed to responding to people's needs and experiences, which requires understanding users and, when appropriate, involving them in design processes. Previous studies, however, point to a gap between the recognition of the importance of participation and its systematic incorporation into professional practice, indicating education as a strategic field for addressing this gap. This article aims to discuss, on an exploratory basis, how participatory design methods have been addressed in architectural and urban design education in Brazil. This is a qualitative, theoretical-conceptual study, descriptive and critical in nature, developed through a critical review of the literature and an updated survey of papers published in the Proceedings of the Projotar Seminars. The scope covers the editions from 2013 to 2023, totaling ten years of scholarly production on design education. The results indicate that collaboration remains more prevalent in design education and that user participation appears in different educational contexts, especially in university extension activities and experiences involving communities. However, the presence of users in the design process does not necessarily correspond to the teaching of participatory design methods. Such teaching remains very rare, although recent evidence suggests a closer relationship between participation, methods, and design education. It is concluded that continuities outweigh consolidated changes and that investigating which forms of knowledge, methods, learning environments, and educational approaches can prepare future architects and urban planners to incorporate users into the design process constitutes a relevant avenue for further research.

Keywords: Architecture and urbanism; Design process; Design Participatory Methods; Design Collaboration; Design Education.

1. INTRODUÇÃO

A premissa de que a arquitetura e o urbanismo possuem um compromisso intrínseco com o atendimento das necessidades e experiências humanas pressupõe que o arquiteto conheça profundamente os sujeitos para os quais projeta. Entretanto, a complexidade da atividade projetual e o amplo espectro de conhecimentos técnicos envolvidos na formação e na prática profissional podem contribuir para o distanciamento entre os projetistas e as experiências das pessoas não técnicas, criando um hiato entre o espaço concebido e o espaço vivenciado.

Processos participativos constituem um caminho para reduzir esse distanciamento, uma vez que conferem voz ativa aos usuários e permitem incorporar seus conhecimentos, necessidades e experiências ao processo de projeto. Entretanto, estudos realizados no contexto brasileiro apontam uma distância entre o reconhecimento da importância da participação e sua efetiva incorporação à prática profissional, especialmente quando considerada a utilização sistematizada de métodos que apoiem a interação entre projetistas e usuários (Bini, 2018; Noebauer, 2016; Noebauer; Bins Ely, 2019).

A formação em Arquitetura e Urbanismo aparece como uma das dimensões relevantes para a compreensão desse cenário. Noebauer (2016), ao investigar a prática participativa no Brasil entre 2000 e 2015, identificou reduzido conhecimento e aplicação de métodos participativos entre profissionais entrevistados. No campo do ensino,

Noebauer e Bins Ely (2019), ao analisarem trabalhos publicados nos Seminários Projetar de 2013 e 2015, encontraram maior presença de abordagens colaborativas do que participativas e poucas experiências diretamente relacionadas ao ensino de métodos participativos. Bini (2018), por sua vez, identificou, entre arquitetos e urbanistas recém-formados entrevistados em Santa Catarina, ausência de uma base teórica e de sistematização para a condução de processos participativos. Em conjunto, esses estudos indicam que, embora a consideração dos usuários seja reconhecida como importante, sua tradução em conhecimentos e métodos sistematizados durante a formação permanece uma questão a ser investigada.

A partir desse quadro, este estudo retoma e amplia o levantamento anteriormente realizado, examinando a produção publicada nos Seminários Projetar entre 2013 e 2023.

Busca-se responder à seguinte questão: que indícios a produção didático-científica na área de Arquitetura e Urbanismo no Brasil oferece sobre permanências ou mudanças no ensino de métodos participativos de projeto? Este trabalho visa discutir, em caráter exploratório, como vêm sendo abordados os métodos participativos no ensino de projeto em Arquitetura e Urbanismo no Brasil.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Caracterizado como um estudo teórico-conceitual de natureza descritiva e crítica (Gil, 2017), este artigo foi desenvolvido por meio de uma revisão crítica da literatura (Sukhera, 2022), sob a ótica da prática reflexiva da pesquisadora (Schön, 2000). No campo das investigações em Arquitetura e Urbanismo, insere-se nos estudos

voltados ao projeto enquanto processo, perspectiva que abrange questões relacionadas à prática e ao ensino de projeto (Caldana, 2013; Moreira, 2013).

O arcabouço conceitual ancora-se nos dados seminais de Noebauer (2016) e Noebauer e Bins Ely (2019), retomando a discussão sobre a participação do usuário no processo de projeto e os primeiros diagnósticos acerca da presença de abordagens participativas no ensino de projeto em Arquitetura e Urbanismo.

Como aproximação ao cenário didático-científico nacional, retomou-se o levantamento realizado nos Anais dos Seminários Projetar, originalmente abrangendo as edições de 2013 e 2015 (Noebauer; Bins Ely, 2019), e ampliou-se o recorte para as edições de 2017, 2019, 2021 e 2023. Constituiu-se, assim, um recorte de dez anos de produção publicada nesse fórum, tomado como fonte de registros científicos de experiências, reflexões e investigações relacionadas ao ensino de projeto em Arquitetura e Urbanismo. O levantamento tem caráter exploratório e busca identificar indícios de permanências e de mudanças em relação ao que foi identificado no levantamento anterior.

A análise manteve os dois primeiros níveis de triagem empregados no levantamento anterior (Noebauer; Bins Ely, 2019). Inicialmente, foram analisados conjuntamente os conteúdos dos títulos e das palavras-chave dos trabalhos, buscando a possibilidade de pertinência aos temas participação ou colaboração, incluindo termos de raízes semelhantes. Os trabalhos selecionados nessa etapa foram submetidos à análise de conteúdo de seus resumos. A leitura integral dos artigos constitui uma etapa posterior da investigação, prevista para o aprofundamento da pesquisa. Esse

conjunto de procedimentos sustenta, assim, a discussão proposta neste artigo sobre como os métodos participativos vêm sendo abordados no ensino de projeto em Arquitetura e Urbanismo no Brasil, a partir do recorte de dez anos da produção publicada nos Seminários Projetar.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este referencial teórico conecta as bases conceituais da cocriação às realidades e entraves verificados na prática profissional contemporânea. Primeiramente, delimita-se os fenômenos, marcando as distinções e aproximações entre os conceitos de participação, colaboração e coparticipação. Na sequência, confrontam-se essas premissas teóricas com o mapeamento dos principais problemas e barreiras que desafiam a aplicação prática dessas metodologias no mercado. Por fim, investiga-se o cenário da coparticipação no universo da formação universitária nacional, correlacionando o perfil de profissionais recém-graduados às estratégias didáticas relatadas na área. Esse percurso analítico assume como fio condutor os dados seminais de Noebauer (2016) e Noebauer e Bins Ely (2019), avançando de forma encadeada até a identificação do problema gerador subjacente a essa estrutura: a lacuna metodológica crônica no âmbito do ensino de projeto.

3.1. Participação, Colaboração e Coparticipação no Processo de Projeto

A colaboração e a participação surgiram na atividade projetual em resposta à crescente complexidade da sociedade e à fragmentação da realidade contemporânea (Noebauer; Bins Ely, 2015). Embora ambos os fenômenos estejam fundamentados no princípio da

interação, suas origens e dinâmicas operacionais guardam distinções estruturais importantes que impactam a condução do projeto.

O termo colaboração origina-se do ambiente laboral, impulsionado pelas transformações organizacionais do trabalho posteriores à Revolução Industrial. Caracteriza-se por ser um composto que envolve a divisão de esforços entre múltiplos profissionais (Galison, 2003). Segundo este autor, tal processo pode estruturar-se de forma hierárquica, sob a liderança de um gerenciador, ou por meio de equipes sem hierarquia definida, onde os membros compartilham o poder decisório.

Por envolver a atuação conjunta de diferentes profissionais sobre um mesmo problema ou objeto, todo processo colaborativo é, por princípio, cocriativo. A cocriação pode também envolver coautoria, uma vez que o resultado é produzido pela contribuição articulada dos diferentes profissionais envolvidos. Na arquitetura, a colaboração reflete o esforço de uma equipe multidisciplinar para responder às demandas do projeto contemporâneo (Bernardi et al., 2013; Castells, 2012). Também existem os percalços na prática da colaboração, e uma das principais causas para o fato, segundo Santos (2014), é a mitificação da figura do arquiteto, tanto na academia quanto no meio profissional, pela valorização de atributos como o dom ou o gênio individual.

Por outro lado, a prática participativa possui raízes nos princípios de constituição e desenvolvimento de comunidades, difundidos na Europa desde a década de 1940 e posteriormente ampliados em outros contextos (Battaus, 2014). No campo do projeto, essas abordagens ganharam força a partir da década de 1960, com

estudos voltados à participação dos usuários nos processos projetuais. Um fator característico do projeto participativo é a inclusão ativa do usuário final ao longo do processo criativo (Lana, 2007). Segundo esta autora, trata-se de uma abordagem conduzida por tomadas de decisão compartilhadas entre o arquiteto e os usuários finais para responder às suas reais necessidades vivenciais.

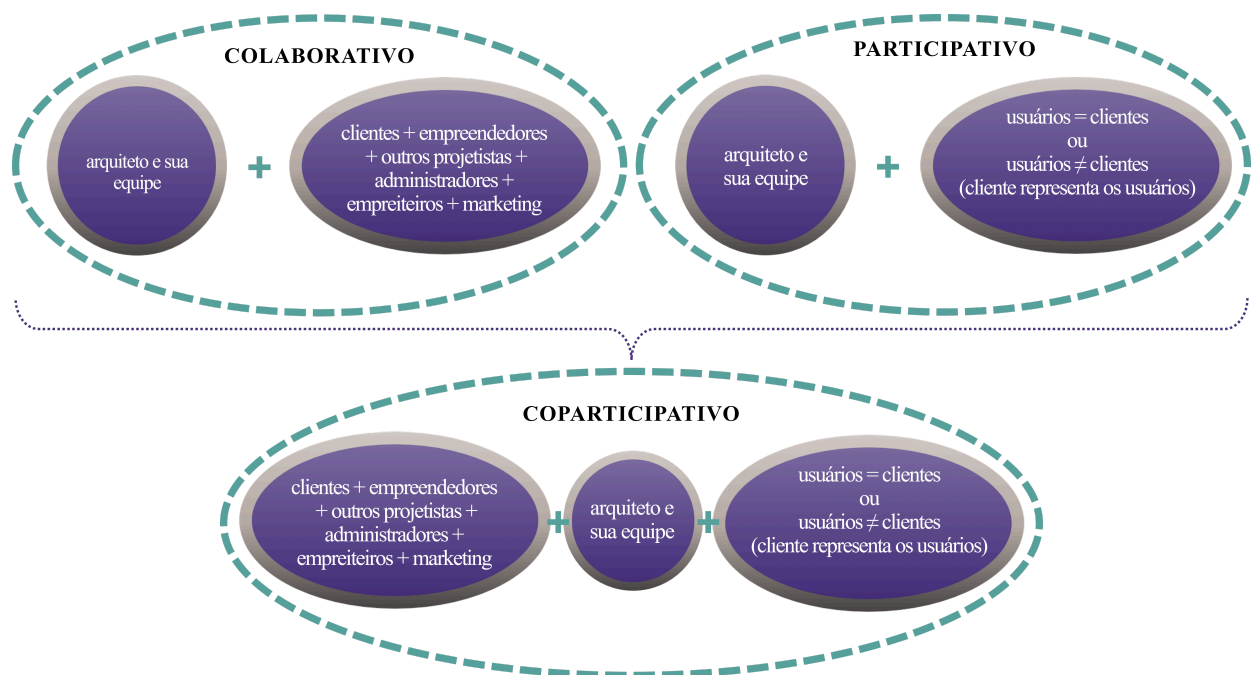
A partir do alinhamento dessas vertentes, a participação em projetos de arquitetura e urbanismo é definida nesta pesquisa como um processo focado no usuário e cocriado, onde os principais atores são o arquiteto e, em alguns casos, sua equipe, e os usuários (Noebauer, 2016). A autoria do projeto é do arquiteto, que geralmente atua também como facilitador do processo. Embora o trabalho em equipe multidisciplinar seja bem-vindo, ele não constitui uma característica *sine qua non*. As tomadas de decisão são realizadas democraticamente em busca do consenso, estruturando um processo permeável onde os conhecimentos de técnicos e não técnicos se misturam para embasar o projeto, tornando a comunicação eficiente um fator vital para o sucesso da prática (Noebauer, 2016).

Da associação dessas características, a coparticipação é identificada como um fenômeno híbrido (Noebauer; Bins Ely, 2019). Esta modalidade ocorre quando uma equipe profissional atua de maneira colaborativa entre si e, além disso, mantém o processo permeável e aberto à participação direta dos usuários.

Por apresentar a colaboração como uma de suas características, também se trata, portanto, de um processo cocriativo, no qual diferentes profissionais se associam e passam a laborar conjuntamente, estando presente, como uma premissa básica, a

participação dos usuários. A cocriação constitui, assim, um elemento comum aos três arranjos: colaborativo, participativo e coparticipativo. O que os distingue são os atores envolvidos e as relações estabelecidas entre eles ao longo do processo de projeto. Esses arranjos e seus intervenientes são sintetizados visualmente a seguir, na Figura 1.

Figura 1. Cocriação: colaborativo, participativo e coparticipativo



Fonte: (Noebauer, Bins Ely, 2015). Adaptação gráfica: Autoras, 2026.

3.2. Problemas e barreiras da prática participativa no Brasil

A participação no cenário profissional brasileiro enfrenta entraves estruturais complexos que distanciam o discurso teórico da práxis arquitetônica (Noebauer, 2016). O percurso investigativo baseou-se em uma revisão bibliográfica integrativa sobre dez pesquisas que relatam processos participativos no Brasil (Noebauer; Bins Ely, 2019). Desse universo, foram selecionados e sistematizados os dados de três pesquisas específicas, que detalham cinco estudos de caso e apresentam um corpus de 25 entrevistas com profissionais do setor, sendo 22 com arquitetos (Noebauer; Bins Ely, 2019). O material foi

estudado por Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) e revelou um padrão de dificuldades recorrentes no cotidiano do exercício profissional. Os resultados foram sistematizados por Noebauer e Bins Ely (2019), que criaram uma divisão constituída por 5 categorias de problemas (Noebauer; Bins Ely, 2019), abrangendo dificuldades com a comunicação, com o planejamento, com a colaboração e com a violação de pressuposto, além de um problema gerador, explanado a seguir.

Embora os problemas de comunicação concentrem a maior frequência de dificuldades relatadas, o eixo central do entrave reside na categoria dos problemas geradores. Segundo a totalidade das pesquisas investigadas e dos profissionais experientes, essa categoria de problemas aparece associada às fragilidades identificadas na formação acadêmica e se relaciona, total ou parcialmente, aos demais empecilhos. Os relatos dos entrevistados revelam que os cursos de graduação em arquitetura e urbanismo falham ao omitir disciplinas voltadas às questões sociais, como antropologia e psicologia, deixando de capacitar os estudantes para gerenciar e mediar processos participativos de projeto. Essa lacuna formativa pode contribuir para o distanciamento entre o corpo técnico e o saber vivencial dos usuários na prática profissional. A distribuição e os impactos dessas barreiras no campo prático são apresentados na Figura 2, disposta a seguir.

Figura 2. Problemas que dificultam a difusão da participação no Brasil, segundo Noebauer e Bins Ely (2019)



Fonte: Noebauer e Bins Ely (2019). Adaptação gráfica: Autoras, 2026.

A articulação destes estudos sugere uma relação entre as barreiras mapeadas na prática profissional e aspectos da formação acadêmica. Esse cenário exige uma investigação aprofundada sobre como a relação entre a teoria e a prática pedagógica vem sendo conduzida no ambiente universitário nacional. Com o intuito de aprofundar a compreensão dessas limitações e de suas relações com a formação e a atuação prática, torna-se necessário avaliar as experiências didáticas documentadas e a percepção dos novos profissionais que ingressam no setor.

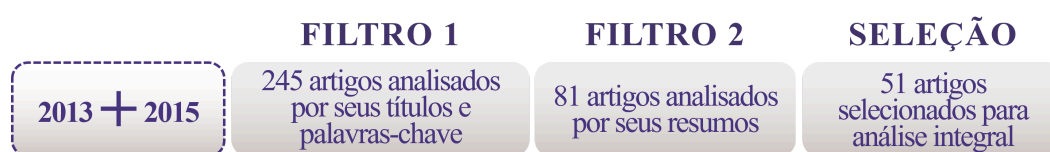
3.3. Coparticipação na Formação Brasileira em Arquitetura e Urbanismo

Esta distância entre a intenção de incluir o usuário e a real aplicação prática de métodos participativos no processo de projeto foi

também identificada na análise do perfil de profissionais recém-graduados por Bini (2018). Esta pesquisadora investigou a percepção de jovens arquitetos e constatou que a importância de conhecer, para atender às necessidades dos usuários é reconhecida, mas eles enfrentam dificuldades básicas para diferenciar as figuras do cliente e do usuário. O estudo evidenciou a ausência de embasamento teórico, sistematização ou uso de métodos participativos que apoiem a comunicação e a coleta de dados no processo de projeto, reforçando a necessidade de investigar em que medida essas dificuldades se relacionam às lacunas da formação universitária (Bini, 2018).

Para verificar a extensão desse panorama nos cursos de graduação do país, Noebauer e Bins Ely (2019) conduziram um levantamento estruturado focado nos relatos docentes sobre estratégias de ensino. Sendo os Seminários Projetar um dos principais fóruns de discussão do ensino de arquitetura no Brasil, as publicações das edições de 2013 e 2015 foram selecionadas para a busca (Noebauer; Bins Ely, 2019). O processo submeteu os artigos a três filtros consecutivos de triagem: por títulos e palavras-chave, por resumos e, finalmente, por leitura integral dos textos selecionados (Noebauer; Bins Ely, 2019). O percurso analítico e os filtros aplicados são apresentados na Figura 3, disposta a seguir.

Figura 3. Percurso de filtragem e seleção dos trabalhos nos Seminários Projetar (2013 e 2015)



Fonte: Noebauer e Bins Ely (2019). Adaptação gráfica: Autoras, 2026

A aplicação dos filtros sobre o universo inicial de 245 artigos resultou na seleção final de 51 manuscritos que apresentavam iniciativas aproximadas à colaboração, à participação ou à coparticipação (Noebauer; Bins Ely, 2019). Desse montante, apenas 25 artigos tratavam de Unidades Curriculares obrigatórias de ensino de projeto na graduação (Noebauer; Bins Ely, 2019). Os resultados demonstraram que as experiências efetivas em disciplinas de projeto representavam aproximadamente 10% do universo total analisado (Noebauer; Bins Ely, 2019). Essa baixa representatividade e a dispersão dos esforços pedagógicos sem um planejamento sistemático justificam a persistente sensação de estagnação no ensino de projeto descrita na área (Lara; Marques, 2015; Noebauer; Bins Ely, 2019)

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da atualização são apresentados em comparação com o levantamento inicial realizado nas edições de 2013 e 2015 dos Seminários Projetar, cujos resultados foram anteriormente discutidos por Noebauer e Bins Ely (2019) e retomados na fundamentação teórica deste artigo. A Figura 4, disposta abaixo, sintetiza o percurso de seleção dos trabalhos ao longo do recorte estudado. O primeiro bloco reúne as edições de 2013 e 2015, correspondentes ao levantamento original; as edições de 2017 e 2019 constituem o período seguinte; a linha tracejada entre 2019 e 2021 assinala a pandemia de COVID-19, marco que atravessa esse intervalo e impacta diretamente o ensino, com a interrupção das atividades presenciais. Por fim, apresenta-se nesta síntese as edições de 2021 e 2023, que completam o arco de dez anos considerado neste estudo. A ilustração apresenta, também, os dois níveis de filtros adotados, o primeiro, com refinamento pelo par títulos e

palavras-chave e, o segundo, pela leitura e análise de conteúdo dos resumos. Por fim, apresenta-se quantos foram os trabalhos selecionados para análise integral, permitindo visualizar o percurso da investigação antes da discussão de seus resultados.

Figura 4. Percurso de filtragem e seleção dos trabalhos nos Seminários Projetar (2013–2023)

	FILTRO 1	FILTRO 2	SELEÇÃO
2013 + 2015	245 artigos analisados por seus títulos e palavras-chave	81 artigos analisados por seus resumos	51 artigos selecionados para análise integral
2017	62 artigos analisados por seus títulos e palavras-chave	43 artigos analisados por seus resumos	5 artigos selecionados para análise integral
2019	155 artigos analisados por seus títulos e palavras-chave	26 artigos analisados por seus resumos	7 artigos selecionados para análise integral
2021	140 artigos analisados por seus títulos e palavras-chave	18 artigos analisados por seus resumos	6 artigos selecionados para análise integral
2023	189 artigos analisados por seus títulos e palavras-chave	31 artigos analisados por seus resumos	23 artigos selecionados para análise integral

Fonte: Autoras, 2026.

No levantamento de 2013 e 2015 a colaboração apresentava maior presença do que a participação no ensino de projeto, enquanto eram ainda mais restritas as experiências relacionadas diretamente ao ensino de métodos participativos. Entre os trabalhos vinculados à graduação, predominavam iniciativas de integração entre disciplinas e outros arranjos colaborativos, enquanto a participação dos usuários aparecia com menor frequência e, muitas vezes, associada a atividades de extensão (Noebauer; Bins Ely, 2019).

Em 2017, entre os 5 trabalhos selecionados, 3 apresentam experiências relacionadas predominantemente à colaboração no ensino de projeto (Bianchi, 2017; Chaves; Galvão, 2017; Lima; Rodrigues, 2017). Entretanto, o trabalho de Bianchi (2017), desenvolvido na Argentina, não integra o recorte nacional adotado nesta pesquisa. Entre os 4 trabalhos brasileiros, 2 apresentam

experiências relacionadas à colaboração e 2 à participação dos usuários. No primeiro grupo, aparecem especialmente a integração entre disciplinas e professores em torno de um mesmo exercício projetual e uma prática estruturada de colaboração no processo de ensino e aprendizagem (Chaves; Galvão, 2017; Lima; Rodrigues, 2017). A participação dos usuários aparece, por sua vez, em 2 experiências.

Em uma delas, desenvolvida no contexto da extensão universitária e articulada à graduação, pós-graduação e pesquisa, os usuários integram diretamente o processo por meio do método O Desenho do Possível (Cerqueira; Medeiros; Borges, 2017). Na outra, uma atividade curricular aproxima estudantes, comunidade e entidades externas, incorporando a participação dos usuários ao processo de ensino (Krambeck; Ikert, 2017). Quando o olhar se volta especificamente aos métodos, apenas a primeira experiência apresenta de maneira explícita um método participativo de projeto. Na segunda, a aproximação com os usuários não é acompanhada da explicitação de um método participativo específico.

Em 2019, entre os 7 trabalhos selecionados, aparecem diferentes aproximações com a colaboração e a participação dos usuários. No contexto do ensino de projeto, uma experiência de ateliê incorpora clientes reais em momentos de apresentação das necessidades e avaliação das propostas, colocando os estudantes em contato direto com a escuta e a interpretação de suas demandas (Stinghen, 2019). São 2 experiências vinculadas ao Ateliê Itinerante que articulam ensino, extensão e comunidade; na primeira, oficinas realizadas com crianças permitem que sonhos e necessidades sejam expressos e posteriormente incorporados às propostas projetuais (Trennepohl; Flores; Guma, 2019; Flores; Kelling; Alberti, 2019). Também são identificadas experiências de assistência técnica habitacional nas

quais necessidades, desejos, participação e autonomia das famílias integram a discussão do processo de projeto (Nagazawa; Guinancio; Zandoni, 2019; Zulin, 2019).

Quanto aos métodos, o Método 300 aparece aplicado em disciplina de Projeto Arquitetônico, estruturando a aprendizagem por meio da ajuda entre pares e da colaboração entre estudantes, mas sem participação dos usuários (Alves; Chapadeiro, 2019). O Uaimiporã, por sua vez, é apresentado como um jogo digital desenvolvido como interface para assessoria técnica com crianças e adolescentes, promovendo interação e discussão de alternativas relacionadas ao ambiente em que vivem (Soares; Machado, 2019). Nas demais experiências participativas identificadas, há procedimentos de aproximação, escuta e incorporação das informações dos usuários ao processo projetual, porém não se explicita, nos resumos analisados, o ensino de um método participativo de projeto como conteúdo da formação.

Em 2021, foram selecionados 6 trabalhos. Destes, 4 tratam integralmente de contextos brasileiros; 1 compara um caso brasileiro e um português (Santos, 2021); e 1, embora produzido por autoras vinculadas a uma instituição portuguesa, aborda assentamentos informais africanos (Ghorbanbakhsh; Paio, 2021). Para a análise do cenário nacional, a discussão concentra-se nos 4 trabalhos desenvolvidos no Brasil. Na extensão universitária, a ATHIS é apresentada como experiência construída por meio da interação dialógica com os diversos atores envolvidos (Panet Barros, 2021). Em uma experiência de requalificação urbana, oficinas realizadas com crianças e adolescentes integram os usuários ao processo de criação do projeto (Andrade; Lima, 2021). Em outro trabalho, a abordagem Living Lab permite que moradores expressem necessidades e

desejos e participem das decisões juntamente com diferentes atores envolvidos na melhoria da habitação social (Kowaltowski; Oliva; Bridi, 2021). A participação infantil também aparece em um processo de *co-design* para um parque de bolso, desenvolvido por meio de oficinas e recursos destinados a apoiar a comunicação entre crianças e projetistas (Deon; Isele; Mussi, 2021).

Quando o olhar se volta especificamente aos métodos, os trabalhos brasileiros apresentam abordagens e procedimentos estruturados para viabilizar a participação. O Living Lab é empregado como abordagem de construção coletiva de decisões (Kowaltowski; Oliva; Bridi, 2021), enquanto a experiência de *co-design* utiliza grupo focal, Culture Maker, fabricação digital e prototipagem como recursos de apoio à participação das crianças no processo projetual (Deon; Isele; Mussi, 2021). Entretanto, nenhum dos 4 trabalhos brasileiros explicita o ensino de um método participativo de projeto como conteúdo da formação em Arquitetura e Urbanismo.

Em 2023, os 23 trabalhos selecionados reúnem experiências de colaboração e participação em diferentes contextos de projeto, ensino e extensão. A participação dos usuários aparece em processos de requalificação urbana e planejamento popular, assistência técnica e habitação, projetos desenvolvidos com comunidades indígenas e experiências envolvendo crianças (Nascimento; Alves; Sousa, 2023; Mosaner; Wiese; Dill, 2023; Soares; Moreira; Andrade, 2023; Vieira; Guimarães, 2023). No âmbito do ensino, também são identificadas práticas colaborativas estruturadas entre disciplinas, professores e estudantes, como na disciplina Projeto Integrado e nos Ateliês Virtuais de Projeto (Freitas; Câmara; Lima, 2023; Veloso; Medeiros; Silva, 2023).

No âmbito dos métodos, aparecem recursos e procedimentos explicitamente estruturados. As *charrettes* são discutidas como modo de organização de processos colaborativos de projeto (Pinto; Miranda; Rodrigues, 2023), enquanto o *Design Thinking* é apresentado como método de ensino de projeto centrado no usuário, envolvendo compreensão de necessidades, prototipagem e feedback (Menezes; Reges; Silva, 2023). Em uma experiência extensionista de projeto participativo, são empregados os métodos Cartas de amor e término e Kit de Ferramentas Criativas com estudantes de uma escola (Romani; Torres; Barbosa, 2023). Para o foco desta pesquisa, destacam-se ainda 2 trabalhos em que aprender a projetar com os usuários integra explicitamente a formação em projeto: uma oficina dedicada à aprendizagem experiencial de projetar com crianças e outra experiência de *co-design* em que estudantes desenvolvem intervenções temporárias com esse público (Barros; Sanches; Franco, 2023; Barros; Sansão-Fontes, 2023). Assim, em 2023, voltam a aparecer de maneira explícita experiências em que a participação não constitui apenas uma circunstância do processo projetual, mas integra o próprio objeto da aprendizagem.

A leitura comparativa das edições analisadas indica permanências e mudanças ao longo do recorte de 10 anos. A colaboração mantém presença recorrente no ensino de projeto, enquanto a participação dos usuários aparece em diferentes contextos e assume configurações progressivamente mais diversificadas, especialmente fora do contexto da sala de aula propriamente dita, e sim em atividades de extensão, assistência técnica e experiências desenvolvidas com comunidades e grupos específicos.

A presença dos usuários no processo projetual, no entanto, não corresponde, necessariamente, ao ensino de métodos participativos de projeto. Esse tema permanece pouco frequente ao longo do período analisado, embora, nas edições mais recentes, pós-pandemia, sejam identificados indícios de maior aproximação entre participação, métodos e formação projetual.

Em 2023, particularmente, aparecem 2 trabalhos nos quais projetar com os usuários passa a integrar, de modo explícito, o próprio objeto da aprendizagem (Barros; Sanches; Franco, 2023; Barros; Sansão-Fontes, 2023). Ambos estão vinculados à UFMG e apresentam proximidade temática e de autoria, de modo que podem inclusive corresponder a desdobramentos de uma mesma experiência didática, aspecto que não pôde ser confirmado nesta etapa da pesquisa. Ainda assim, sua presença tão rara, constitui um indício relevante de aproximação entre participação dos usuários e formação projetual. Esses resultados permitem retomar, nas considerações finais, a questão central deste estudo e discutir em que medida o cenário observado aponta para permanências ou mudanças no ensino de métodos participativos de projeto em Arquitetura e Urbanismo no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou identificar indícios de permanências ou mudanças no ensino de métodos participativos de projeto em Arquitetura e Urbanismo no Brasil, articulando conhecimentos anteriormente produzidos sobre a participação dos usuários na prática profissional e na formação dos arquitetos e urbanistas com a atualização de um levantamento da produção didático-científica nacional. Estudos de 2016 a 2019, presentes na base referencial deste

artigo, já indicavam reduzido conhecimento e aplicação de métodos participativos na prática profissional e baixa presença dessas abordagens na formação. Para observar possíveis mudanças nesse cenário, retomou-se e ampliou-se o levantamento realizado nos Seminários Projetar, constituindo um recorte de dez anos, entre 2013 e 2023.

No conjunto desse levantamento, 791 trabalhos passaram pelo primeiro nível de análise. A atualização correspondente às edições de 2017, 2019, 2021 e 2023 partiu de 546 trabalhos e resultou na seleção de 41 após a análise de títulos, palavras-chave e resumos. O aprofundamento realizado nessa etapa permitiu distinguir situações que não são equivalentes: a colaboração no ensino de projeto, a participação dos usuários em experiências projetuais e o ensino de métodos capazes de apoiar a condução de processos participativos.

Os resultados deste estudo reforçam que a dificuldade em apoiar a prática participativa de arquitetos e urbanistas no Brasil não está no desconhecimento da importância da voz do usuário para a construção do projeto. A participação é reconhecida, pouco discutida e aparece em raras, mas sim, diversificadas experiências acadêmicas, da sala de aula, à pós-graduação, passando por outras experiências, como o ambiente extensionista, por exemplo. O que permanece raríssimo é sua tradução em conhecimento metodológico ensinado durante a formação, capaz de preparar futuros arquitetos e urbanistas para planejar e conduzir processos nos quais os usuários contribuam efetivamente para as decisões projetuais.

A atualização do levantamento ao longo de dez anos não permite afirmar a ausência desse ensino, mas evidencia sua baixíssima

presença e pouca recorrência. Mesmo nas experiências recentes em que participação, método e formação projetual se aproximam de maneira mais clara, trata-se de 2 ocorrências isoladas, ocorridas na mesma Instituição de Ensino e com o mesmo usuário-tipo, em um conjunto publicado de vulto pouco menor que de 800 trabalhos.

Assim, as evidências encontradas apontam mais para a permanência da questão identificada anteriormente, ainda que apareçam pequenos avanços isolados, do que para uma mudança consolidada no ensino de projeto em Arquitetura e Urbanismo no Brasil. Nesse sentido, a formação se confirma como um campo estratégico para contribuir para a redução da distância ainda existente entre a valorização da participação e sua incorporação sistematizada à prática profissional.

Mais do que verificar se os usuários são considerados durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo, torna-se necessário investigar quais conhecimentos, abordagens e métodos são ensinados para que os estudantes aprendam a compreendê-los e a incorporar suas necessidades e experiências ao processo de projeto. Cabe investigar, ainda, como esses conhecimentos e métodos podem ser ensinados, considerando as condições concretas de ensino e aprendizagem presentes nos cursos brasileiros, e em quais ambientes e meios formativos, para além da sala de aula de projeto, esse ensino pode ocorrer. Essa ampliação constitui tanto um caminho para o aprofundamento da pesquisa iniciada neste estudo quanto um campo fértil para novas investigações voltadas à formação em Arquitetura e Urbanismo e à redução desse distanciamento entre participação, ensino e prática projetual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. S.; CHAPADEIRO, F. C. A utilização do método 300 no ensino de arquitetura e urbanismo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 9., 2019, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: UFPR; Universidade Positivo, 2019.

ANDRADE, C. F. de; LIMA, L. R. A transformação do espaço urbano após requalificação: uma análise de satisfação na “Rua da Esperança” em Fortaleza (Ceará) - Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 10., 2021, Lisboa. **Arquitetura, cidade e paisagem: projetar em contexto de crise**. Lisboa: CIAUD/FAULisboa, 2021. v. 2, p. 895-904.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, P.; SANCHES, M. R. de A.; FRANCO, E. V. A. Projetar com crianças não se ensina, mas se aprende. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 11., 2023, João Pessoa. **Anais do Seminário Internacional PROJETAR: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como?** João Pessoa: Even3, 2023.

BARROS, P.; SANSÃO-FONTES, A. Projetar intervenções temporárias com crianças: para quê? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 11., 2023, João Pessoa. **Anais do Seminário Internacional PROJETAR: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como?** João Pessoa: Even3, 2023.

BIANCHI, C. M. La crítica colaborativa de los procesos proyectuales: una práctica evaluativa adecuada a los contextos educativos masivos. In: MOISSET, I.; PERÍES, L. (org.). **La experimentación proyectual: Actas VIII Projetar 2017**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, FADU, 2017. p. 100-113.

BINI, C. **Percepção do processo de projeto e sua relação com as necessidades do usuário.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em MBA em Gestão de Projetos) – Centro Universitário Leonardo da Vinci, Indaial, 2018.

CALDANA, V. L. Pesquisa em projeto de arquitetura e urbanismo: caminhos. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v. 12, n. 1, p. 16-23, 2013.

CERQUEIRA, M. C. T. de; MEDEIROS, C. M. R. de; BORGES, A. H.. O desenho do possível e o projeto do habitat de reforma agrária. In: MOISSET, I.; PERÍES, L. (org.). **La experimentación proyectual:** Actas VIII Projetar 2017. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, FADU, 2017.

CHAVES, C. M.; GALVÃO, F. de M. O ensino de projeto a partir de uma experiência interdisciplinar. In: MOISSET, I.; PERÍES, L. (org.). La experimentación proyectual: Actas VIII Projetar 2017. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, FADU, 2017.

DEON, L. F. N.; ISELE, P. C.; MUSSI, A. Q. Co-design in public spaces for children: the design process of a pocket park. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 10., 2021, Lisboa. **Arquitetura, cidade e paisagem:** projetar em contexto de crise. Lisboa: CIAUD/FAULisboa, 2021. v. 3, p. 1343-1353.

FLORES, A. R.; KELLING, M.; ALBERTI, G. F. Oficinas do ateliê itinerante: a experiência com as crianças como ferramenta de projeto. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 9., 2019, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: UFPR; Universidade Positivo, 2019.

FREITAS, G. F. da S.; CÂMARA, M. J. de B.; LIMA, V. M. F. de. Habitação social de qualidade: os caminhos trilhados na disciplina Projeto Integrado 03 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 11., 2023, João Pessoa. **Anais do Seminário Internacional PROJETER:** Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como? João Pessoa: Even3, 2023.

GHORBANBAKHSH, M.; PAIO, A. Gamification in urban design for upgrading the informal settlements (open public space) in African neighborhoods. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 10., 2021, Lisboa. **Arquitetura, cidade e paisagem:** projetar em contexto de crise. Lisboa: CIAUD/FAULisboa, 2021. v. 1, p. 598-608.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2017.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K.; OLIVA, C. A.; BRIDI, M. E. Living labs for social housing upgrading. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 10., 2021, Lisboa. **Arquitetura, cidade e paisagem:** projetar em contexto de crise. Lisboa: CIAUD/FAULisboa, 2021. v. 3, p. 1073-1084.

KRAMBECK, C.; IKERT, F. Ateliê Vertical: tecendo conexões, ideias e projetos com a comunidade. In: MOISSET, I.; PERÍES, L. (org.). **La experimentación proyectual:** Actas VIII Projetar 2017. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, FADU, 2017.

LARA, F.; MARQUES, S. A educação do arquiteto. Quid Novi? In: LARA, F.; MARQUES, S. (Editors) **Quid Novi? Dilemas do ensino de arquitetura no século 21.** Austin: Nhamericapress, 2015.

LIMA, V. M. F. de; RODRIGUES, C. O. de M. Projeto integrado: uma experiência inovadora na construção de um conhecimento mais libertador. In: MOISSET, I.; PERÍES, L. (org.). **La experimentación proyectual**: Actas VIII Projetar 2017. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, FADU, 2017.

MENEZES, A. A. de O.; REGES, L. M.; SILVA, S. M. da. O Design Thinking como método: rebatimento no ensino de projeto de arquitetura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 11., 2023, João Pessoa. **Anais do Seminário Internacional PROJETER**: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como? João Pessoa: Even3, 2023.

MOREIRA, D. de C. Introdução. In: KOWALTOWSKI, D. C. C. K. et al. (Org.). **O processo de projeto em arquitetura: da teoria à tecnologia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. p. 9-12.

MOSANER, F. F. L.; WIESE, R. S.; DILL, F. M. Moradia estudantil indígena: processo de projeto participativo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 11., 2023, João Pessoa. **Anais do Seminário Internacional PROJETER**: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como? João Pessoa: Even3, 2023.

NAGAZAWA, T.; GUINANCIO, C.; ZANONI, V. Conflitos nas práticas projetuais em melhorias habitacionais para Assistência Técnica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 9., 2019, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: UFPR; Universidade Positivo, 2019.

NASCIMENTO, J. C. de; ALVES, M. R.; SOUSA, A. L. de M. O projeto “Somos Comunidade”: a coesão social em ações de reabilitação urbana na Encosta de São Vicente, Torres Vedras, Portugal. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 11., 2023, João Pessoa.

Anais do Seminário Internacional PROJETAR: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como? João Pessoa: Even3, 2023.

NOEBAUER, M. P. B. **A voz do usuário: métodos para processos participativos de projeto em arquitetura e urbanismo.** 2016. 300 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

NOEBAUER, M. P. B.; BINS ELY, V. H. M. Colaboração e participação no processo de ensino e aprendizagem de projeto em arquitetura e urbanismo. In: FÓRUM HABITAR 2019: Habitação e Desenvolvimento Sustentável, 5., 2019, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2019. p. 1-20..

PANET BARROS, A. de F. Interação dialógica como prática na construção do pensamento crítico projetual. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 10., 2021, Lisboa. **Arquitetura, cidade e paisagem:** projetar em contexto de crise. Lisboa: CIAUD/FAULisboa, 2021. v. 1, p. 70-82.

PINTO, J. M. F. de O. M.; MIRANDA, L. M.; RODRIGUES, C. O. de M. Charretes como modo de organização para processos de projeto colaborativos que visam atendimento de metas de desempenho ambiental. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 11., 2023, João Pessoa. **Anais do Seminário Internacional PROJETAR:** Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como? João Pessoa: Even3, 2023.

ROMANI, E.; TORRES, L. G.; BARBOSA, L. C. B. Processo projetual participativo na concepção do Jardim Sensorial da Escola Estadual Francisco Camilo de Souza. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL

PROJETAR, 11., 2023, João Pessoa. **Anais do Seminário Internacional PROJETAR: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como?** João Pessoa: Even3, 2023.

SANTOS, L. G. T. Concursos de projetos de habitação social: para quem? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 10., 2021, Lisboa. **Arquitetura, cidade e paisagem: projetar em contexto de crise.** Lisboa: CIAUD/FAULisboa, 2021. v. 1.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOARES, B. N.; MOREIRA, A. C. da S.; ANDRADE, S. G. Plano Popular de Urbanização de Brasília Teimosa e Vietnã, Natal-RN: perspectiva de um planejamento subalterno. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 11., 2023, João Pessoa. **Anais do Seminário Internacional PROJETAR: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como?** João Pessoa: Even3, 2023.

SOARES, F. da S.; MACHADO, P. R. de S. Uaimiporã: jogo digital como interface para assessoria técnica com crianças em Glaura/MG. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 9., 2019, Curitiba. **Anais [...].** Curitiba: UFPR; Universidade Positivo, 2019

STINGHEN, A. B. M. Cara a cara com a/o cliente: experiências, aproximações e atravessamentos no ateliê de projeto. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 9., 2019, Curitiba. **Anais [...].** Curitiba: UFPR; Universidade Positivo, 2019.

SUKHERA, J. Narrative Reviews: Flexible, Rigorous, and Practical. **Journal of Graduate Medical Education**, v. 14, n. 4, p. 414–417, ago.

<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9380636/>.

TRENNEPOHL, A. T.; FLORES, A. R.; GUMA, J. L. A extensão no ateliê de urbanismo e paisagismo: relato de uma experiência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 9., 2019, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: UFPR; Universidade Positivo, 2019.

VELOSO, M. F. D.; MEDEIROS, R.; SILVA, V. G. M. da. Potenciais didático-pedagógicos dos Ateliers Virtuais de Projeto de Arquitetura: análise de três experiências internacionais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 11., 2023, João Pessoa. **Anais do Seminário Internacional PROJETAR: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como?** João Pessoa: Even3, 2023.

VIEIRA, L. M.; GUIMARÃES, D. C. Praça da Vizinhança: uma experiência participativa e tática na “praça” do Milharal, periferia de Macapá-AP. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 11., 2023, João Pessoa. **Anais do Seminário Internacional PROJETAR: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como?** João Pessoa: Even3, 2023.

ZULIN, F. Temas e desafios sobre a Assistência Técnica Habitacional baseadas no estudo de caso de CANHEMA II. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR, 9., 2019, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: UFPR; Universidade Positivo, 2019.

¹ Mestra em arquitetura e urbanismo. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Doutora em arquitetura e urbanismo. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)